

COQUEIJO, O INCANSÁVEL (*)

Jorge Amado

Alvoroça-me a notícia da homenagem que o Tribunal Regional do Trabalho vai prestar a seu antigo presidente, dando o nome de Carlos Coqueijo Costa ao novo edifício que abrigará a Justiça do Trabalho na Bahia. Homenagem digna de todos os aplausos pelo acerto da designação, pois ninguém merece mais do egrégio tribunal do que o juiz e presidente Carlos Coqueijo Costa. Poderia acrescentar que ninguém merece mais da Bahia, dos intelectuais e dos cidadãos do que esse múltiplo criador, produtor e divulgador de cultura; tanto nos deu nos diferentes quadrantes de sua atividade.

Do juiz e do jurista, da carreira que o levou ao Superior Tribunal do Trabalho, ministro egrégio, não falarei, pois de Direito trabalhista não entendo, e aí estão os livros e as sentenças para dizer do tratadista ilustre e do eminente professor de Direito, da competência, da seriedade e do devotamento de Coqueijo. A homenagem que lhe é prestada pelo Tribunal Regional da Bahia reconhece a grandeza de quem soube se consagrar de corpo e alma ao ofício de juiz, sem com isso, no entanto, limitar a criação artística e a dedicação no exercício da cidadania.

Há que falar do músico, começando pelo compositor: nem por escondido na província e na modéstia, menos presente na música popular brasileira, paixão maior. Compôs sobre poemas de sua autoria e poemas de sua admiração, foi o compositor de Carlos Drummond de Andrade. No piano e no violão, amigo de Caymmi, de Vinícius e de João Gilberto, nos saraus íntimos de possuídos da boa música, da boa prosa, da amizade que ele cultivava como ninguém. Ele – e, diga-se de passagem, para evitar injusto esquecimento –, Aydil, sua musa, sua fada, seu anjo da guarda, sua esposa, casal perfeito.

Não se pode esquecer o cronista ágil e sensível, registrando o cotidiano da vida e da cultura nas colunas balanas de "A Tarde". Seus leitores eram multiplão, Coqueijo pensava reunir as crônicas em volume, creio que lhe faltou tempo de fazê-lo. Seria bom que o volume fosse publicado para que o encanto da escrita perdure além do transitório do jornal.

Por fim, o cidadão incansável, o presidente da Associação Atlética, o diretor do Teatro Castro Alves, o organizador de concursos e festivais de música – num desses festivais, levamos, nós, os juízes, entre os quais Dorival Caymmi e eu próprio uma vaia monumental do público, inconforme com nosso julgamento. Coqueijo conduzia a cultura ao colo e a implantava na cidade bem-amada.

(*) "A Tarde", Quinta-feira, 12.12.1991.

Recordo quando e como o conheci: nos idos dos anos 50 na Livraria Civilização Brasileira, na Rua Chile. Dmeval Chaves ainda era gerente, ainda não se tornara proprietário a espalhar livrarias pelos quatro-cantos da cidade: Dmeval Chaves, outro promotor de cultura, outro incansável. Coqueijo, ao ser-me apresentado, quis saber de Sosígenes Costa, que se havia mudado de Ilhéus para o Rio, desejava musicar poemas do grande vate grapiúna. Isso num tempo em que a poesia de Sosígenes era privilégio de pequeno número de leitores, antes que José Paulo Paes a houvesse descoberto e situado o nome do autor entre os dos maiores poetas brasileiros. Carlos Coqueijo Costa, magro e agitado, uma espécie de Quixote solto nas ruas da Bahia, declamava-me poemas de Sosígenes do "Búfalo de fogo", à carta escrita num papel de embrulho, sabia-os de memória. Grande Coqueijo, generoso, nunca soube o que fosse inveja e egoísmo, deu-se ao Brasil" e à cultura a vida toda. Não existe homenagem mais justa e merecida, essa que hoje se celebra no Tribunal Regional do Trabalho da Bahia.